

DON JUAN À VENDA COMO ESCRAVO SEXUAL: O ESTOICISMO DE LORD BYRON

TRADUÇÃO DE FRAGMENTOS

Lucas Zaparolli de Agustini¹

ORCID 0000-0002-3853-576X

Universidade de São Paulo - São Paulo, SP, Brasil

A obra-prima de Byron possui dois personagens principais: o moço Don Juan, ingênuo e bem-intencionado, e o narrador, a voz que brinca com o outro personagem, inserindo-o nas situações mais bizarras, e representa geralmente a voz do próprio autor.

No excerto a seguir, Don Juan, após passar bons momentos com Haidée, a princesa de uma ilha que o salva do naufrágio, em paródia à cena de Nausícaa e Ulisses na *Odisseia*, é posto à venda no mercado de escravos em Constantinopla por Lambro, pai de Haidée. Ali Juan conhece outros escravos, incluindo um inglês, Johnson, que será seu parceiro nas próximas aventuras, tanto no harém, onde Juan será obrigado a servir aos prazeres sexuais da sultana Gulbeyaz, quanto no cerco e na batalha de Ismail, na qual os russos derrotarão os turcos, e Juan cairá nas graças da Czarina Catarina.

Aqui, Canto V do épico, no mercado de escravos, enquanto Juan e Johnson aguardam que alguém os queira comprar, o narrador tece os mais diversos comentários, quer acerca da escravidão, quer acerca da paciência e do estoicismo necessários à sobrevivência em dias opressores como tais.

Desse modo, durante o diálogo entre Juan e Johnson, o segundo, mais velho e com mais experiência, dá conselhos ao jovem impaciente. De início, ensina-o a respeito da importância da sabedoria e do conhecimento. Vale lembrar que a divindade suprema entre os estoicos é o *Logos*, a razão organizadora de todo o universo. Portanto, se o Cosmos está na mais plena “ordem”, de acordo com sua etimologia, nada resta a fazer senão aceitar o fado.

Adiante, na estrofe XXV, Johnson prossegue no ensinamento, repetindo o famoso preceito estoico de que todas as pessoas são escravas de suas emoções e paixões, boas ou más. Em seguida, põe a culpa na sociedade, remetendo ao idealismo rousseauiano de

que o homem nasce bom, mas a sociedade o corrompe. E a estrofe encerra constatando, não sem ironia, que a sociedade corruptora utiliza também, na prática, uma postura estoica – não sentir afeto a nada, nem ao próximo.

Do estoicismo, por muito tempo a principal filosofia do Império Romano, cuja postura ascética iria impregnar o modo de vida cristão, vide o Manual de Epiteto adotado pelo cristianismo como um dos mais importantes manuais de conduta, passa-se ao capitalismo e sua capacidade de dar preço a todas as coisas, incluindo os seres – o que retoma a discussão sobre a arte social sem coração.

Na estrofe XXX, o narrador libertário, porta-voz do autor, tece sua crítica sobre a prática absurda da escravidão, e em seguida ironiza a famosa obra de Voltaire, *Cândido*, cujo personagem homônimo encontra-se relacionado com o Don Juan byroniano, ambos inocentes e conhecendo a vida real aos poucos, da pior forma.

Vendo por esse lado, há bem pouca idealização romântica nesse épico satírico de Byron, posto o autor esteja satirizando o Romantismo do qual se tornara expoente.

Encerrando então o excerto, o narrador menciona Alexandre, o Grande, um dos mais poderosos donos do mundo, que, todavia, admitia com pesar também ser escravo – de seu estômago e de seus desejos sexuais. Essa perspectiva remete igualmente a Diógenes, o cínico, que se masturbava na praça pública e só o incomodava não poder fazer o mesmo com a barriga, para satisfazer a fome, como reza uma de suas anedotas. O estoicismo, diga-se de passagem, originou-se da filosofia cínica, quando Zenão foi discípulo de Antístenes, este o qual teve Sócrates como mestre.

Enfim, de modo nada romântico, o narrador conclui essa discussão entre a consciência e a fome submetendo a sabedoria, a razão e o sublime Logos ao estômago, para não dizer às tripas, pois o exercício da filosofia depende não só de ter algo para se comer, mas de se ter também uma boa digestão, algo com que Byron não contava.

Assim, contra sua vontade, os personagens dessa sátira épica, de modo explícito no momento narrado no excerto, precisam seguir com o máximo rigor aquele simples preceito de Marco Aurélio, imperador romano e filósofo estoico, para o qual a vida resume-se em “abster-se e suportar”.

Nos próximos capítulos, Juan será vendido como escravo sexual para a sultana Gulbeyaz, e então ficará evidente outro famoso preceito de Marco Aurélio: “o que fica no caminho, torna-se o caminho”, que é, de todo modo, o fado que Juan vem seguindo

durante a obra quase sem saber, ainda que se rebele às vezes, na maior parte delas em vão, quando não lhe traz mais problemas, é claro.

Na presente ocasião, por exemplo, o próprio Don Juan, pondo sua existência em risco, não pela primeira vez, recusará fazer amor caso não seja por livre vontade. E os motivos para isso são vários, como ainda amar Haidée e orgulho ferido por ter se tornado escravo.

[Eis o estoicismo em um trecho, porém muitos diriam Byron mais epicureo que estoico, ao passo que o narrador de *Don Juan* admita ser mais partidário do cinismo].

XXIII.

“Tudo isto é lindo e verdade quiçá”,
Disse Juan; “mas não vejo quão melhor
A mim ou a você ora fará”.
“Não?” falou o outro; “admitirá que pôr
As coisas no devido lugar dá,
Ao menos, sabedoria; exemplo; por
Fim, vimos o que é a escravidão, desastres
Nos farão agir melhor quando mestres.”

XXIV.

“Fôssemos mestres já, pra sua presente
Lição darmos nos amigos pagãos aqui”,
Juan disse, engolindo um suspiro ardente:
“Céus salve o aluno que a sorte traz aqui!”
“Talvez sejamos um dia, de repente”,
Replicou o outro, “se a sorte emenda isso aqui.
Até aí (aquele eunuco negro está a olhar-nos)
Queira Deus que alguém queira comprar-nos.

XXV.

“E, afinal, qual é nosso estado atual?
É mal, talvez melhore – igual a todo homem.
Muitos são escravos, até o maioral,
Das suas paixões, caprichos, e o que os tomem.
Sociedade, que devia inspirar ao
Bem, destrói o pouco que a gente forme.
Sentir nada ao outro é a arte social calma
De estoicos do mundo – gente sem alma”.

XXVI.

Daí personagem neutra, velha e escura
Do terceiro sexo vem e perscruta
Dos cativos a idade e a figura
E aptidões, a descobrir se se ajustam

À gaiola designada procura.

Nem sempre o amante observa a moça, astuta
O cavalo, seda o alfaiate, dinheiro
O advogado, réu o carcereiro,

XXVII.

Como o escravo a quem vai arrematar.
É mui bom comprar nossos semelhantes,
E estão todos à venda, se se olhar
Paixões e habilidades. Por semblantes
Compram-se uns, já uns por líder militar,
Cargos, vai de idade e índole, bastantes
Por grana viva; mas todos têm preço,
De coroas a seis pence, o vício a ver-se.

XXVIII.

O eunuco olhou-os com calma, e depois
Virou-se ao vendedor, e fez primeiro
O lance por um, depois pelos dois;
Pechincharam, juraram, – sim, fizeram!
Igual se estando em feira cristã, e após
Pediú desconto, qual a boi, bode, asno, carneiro;
E soou como uma guerra essa barganha
A esta superior dupla da grei humana.

XXIX.

Dáí eles se acertaram resmungando,
Abriu-se a bolsa relutante, e passou-
-se cada moeda de prata, tombando-
-se alguma, e outra à mão se sopesou,
Cequins com paras de erro misturando,
E a quantia com cuidado se contou,
Aí o vendedor deu o troco, e por extenso
Assinam recibo, e já na janta pensam.

XXX.

Se o apetite foi bom, quem há que entenda?
Ou, se foi, também foi sua digestão?
Creio que à refeição ideia estranha surpreenda,
E a consciência faz curiosa questão
Sobre se é direito divino a venda
De carne e sangue. Janta com opressão
De alguém acho quiçá a mais sombria hora
Que está nas tristes vinte e quatro afora.

XXXI.

Voltaire diz “Não”; e que Cândido vê
A vida tolerável depois que almoça.

Ele erra; só se o homem for porco, porque
Saciedade aumenta o que sentir possa,
Só se bêbado, aí, sim, livre é de
Seu cérebro opressor quando se enrosca.
Comer é a mim como ao filho de Filipe e mais
De Ámon (não lhe bastando um mundo e um pai);

XXXII.

Penso como Alexandre a quem o ato
De comer, com mais outro ou mais algum,
Faz sentir mortalidade, de fato,
Em dobro. Quando um assado e um ragu
E atum e sopa, juntos de alguns pratos,
Podem dar-nos prazer ou dor, há um
Que se jacte de intelecto fantástico,
Que depende bem mais do suco gástrico?

* * *

XXIII.

"All this is very fine, and may be true,"
Said Juan; "but I really don't see how
It betters present times with me or you."
"No?" quoth the other; "yet you will allow
By setting things in their right point of view,
Knowledge, at least, is gained; for instance, now,
We know what slavery is, and our disasters
May teach us better to behave when masters."

XXIV.

"Would we were masters now, if but to try
Their present lessons on our Pagan friends here,"
Said Juan,—swallowing a heart-burning sigh:
"Heaven help the scholar, whom his fortune sends here!"
"Perhaps we shall be one day, by and by,"
Rejoined the other, "when our bad luck mends here;
Meantime (yon old black eunuch seems to eye us)
I wish to G—d that somebody would buy us."

XXV.

"But after all, what *is* our present state?
'T is bad, and may be better—all men's lot:
Most men are slaves, none more so than the great,
To their own whims and passions, and what not;
Society itself, which should create

Kindness, destroys what little we had got:
To feel for none is the true social art
Of the world's Stoics—men without a heart."

XXVI.

Just now a black old neutral personage
Of the third sex stepped up and peering over
The captives, seemed to mark their looks and age
And capabilities, as to discover
If they were fitted for the purposed cage:
No lady e'er is ogled by a lover,
Horse by a blackleg, broadcloth by a tailor,
Fee by a counsel, felon by a jailor,

XXVII.

As is a slave by his intended bidder.
'T is pleasant purchasing our fellow-creatures;
And all are to be sold, if you consider
Their passions, and are dext'rous; some by features
Are bought up, others by a warlike leader,
Some by a place—as tend their years or natures:
The most by ready cash—but all have prices,
From crowns to kicks, according to their vices.

XXVIII.

The eunuch, having eyed them o'er with care,
Turned to the merchant, and began to bid
First but for one, and after for the pair;
They haggled, wrangled, swore, too—so they did!
As though they were in a mere Christian fair,
Cheapening an ox, an ass, a lamb, or kid;
So that their bargain sounded like a battle
For this superior yoke of human cattle.

XXIX.

At last they settled into simple grumbling,
And pulling out reluctant purses, and
Turning each piece of silver o'er, and tumbling
Some down, and weighing others in their hand,
And by mistake sequins with paras jumbling,
Until the sum was accurately scanned,
And then the merchant giving change, and signing
Receipts in full, began to think of dining.

XXX.

I wonder if his appetite was good?
Or, if it were, if also his digestion?
Methinks at meals some odd thoughts might intrude,

And Conscience ask a curious sort of question,
About the right divine how far we should
Sell flesh and blood. When dinner has oppressed one,
I think it is perhaps the gloomiest hour
Which turns up out of the sad twenty-four.

XXXI.

Voltaire says "No:" he tells you that Candide
Found life most tolerable after meals;
He's wrong—unless man were a pig, indeed,
Repletion rather adds to what he feels,
Unless he's drunk, and then no doubt he's freed
From his own brain's oppression while it reels.
Of food I think with Philip's son or rather
Ammon's (ill pleased with one world and one father);

XXXII.

I think with Alexander, that the act
Of eating, with another act or two,
Makes us feel our mortality in fact
Redoubled; when a roast and a ragout,
And fish, and soup, by some side dishes backed,
Can give us either pain or pleasure, who
Would pique himself on intellects, whose use
Depends so much upon the gastric juice?

* * *

A tradução integral da obra-prima da maturidade de Lord Byron, seu *Don Juan*, encontra-se disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8160/tde-04112020-165435/pt-br.php>>.

Recebido em 20/12/2020

Aceito em 12/02/2021

ⁱ **Lucas Zapparoli de Agustini** é formado em latim e doutor em Estudos da Tradução (USP). Possui poemas e traduções espalhadas por aí. Membro da comissão editorial da Revista *Cadernos de Literatura em Tradução*. **Traduções:** *Don Juan*, de Byron; *Obras Completas de Delmira Agustini* (2014); *A Burocracia Mandarina*, de Pablo Baler, trad. com Adriana Zapparoli (2017); *Gravuras Japonesas*, de John Gould Fletcher, trad. com Anderson Lucarezi (2017); *A arara* (adaptação de *The Raven*, de E. Allan Poe) (lumme, 2019). **Poesias:** *Pelo Andar do Dia* (lumme, 2017); *Canto no Pântano* (no prelo); *Do Lodo ao Todo* (em construção). **Antologia:** *Nos Olhos dos Outros* (lumme, 2018), Glauco Mattoso (org.).
E-mail: lucaszapparoli@gmail.com